



N.º 72 — LISBOA, 27 DE MAIO



2.
ANO
1904

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 32 num. 12000 rs. | Brazil, anno 32 numeros..... 12500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.
Cobrança pelo correio..... 8100 rs. | Estrangeiro, anno, 32 numeros.. 12800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

83, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

A FRANÇA E O VATICANO

Roma, 21, ás 11,20 n.—O embaixador de França junto da Santa Sé, o sr. Nisard, partiu hoje ás 8 horas da noite para Paris, com licença illimitada. As relações do governo francez com a curia romana estão, pois, vir tualmente rotas.

ROMPIMENTO



—Acabou-se tudo entre nós...
—As minhas cartas e o meu cabelo..

Governar e ser governado

O sr. conselheiro João Franco disse na ultima reunião do Centro Regenerador Liberal:—«Ha um factor imprescindivel para governar:—é a autoridade moral».

O sr. João Franco está equivocando:—Para governar, bem, ou mal, não ha autoridade moral.

Governa-se em virtude de autoridade juridica. Não em virtude de autoridade moral.

Governar, bem, ou mal, é opprimir e não ha autoridade moral para opprimir. Isto parecerá a sua ex.^a um pouco subversivo—mas é assim.

Sua ex.^a allega sem duvida, respondendo mentalmente a estas objecções, que não deseja opprimir, mas ao contrario, desafiojar. Está no seu programma servir a liberdade.

Pedimos perdão ao sr. João Franco, mas sua ex.^a não pôde servir a liberdade, porque a liberdade não tem pessoal de serviço. Nenhum homem tem o direito de tirar ou de dar a outro a liberdade. Nem mesmo para a dar, tem autoridade moral.

Mas—allegará ainda sua ex.^a, o poder é uma delegação. Sua ex.^a não quer evidentemente assenhorear-se do governo pela violencia. Não premedita golpes d'Estado e não pensa entrar em Lisboa a cavallo, como Cromwel em Londres. Sua ex.^a, ao contrario, sollicita os suffragios dos seus candidatos. Para isso fundou o Centro Regenerador Liberal e se muniu de alguns baralhos de cartas francezas; para isso organisou os seus banquetes de propaganda, em que sua ex.^a falou bem e jantou mal; para isso sáe todos os dias do seu remanso da rua da Emenda e dá uma vista d'olhos ao *Diario Illustrado*.

Não importa!

Sua ex.^a ainda está em erro.

O poder é uma usurpação.

Certamente, os homens delegam, mas essa delegação é uma renuncia. Cada um d'elles, ao delegar, separa-se de uma porção indispensavel de si proprio.

Sua ex.^a tem talvez a idéa de que governar é exercer uma procuração.

Velha idéa! Governar não é fazer um recado. Governar é substituir-se, e o homem pôde fazer substituir-se para todos os effeitos da sua actividade motora, mas não pôde fazer substituir-se para os effeitos da sua actividade moral. Por isso, os mandatos para governar são verdadeiras usurpações.

Estamos d'aqui a vêr sua ex.^a encoller os hombros e sorrir, compadecido e sceptico, ao que chamará talvez—o nosso anarchismo de salão. Agora é com effeito moda usar anarchismo no lenço.

Comtudo, ex.^{mo} sr., o nosso anarchismo é o que ha de mais praça publica. Nós não fazemos, falando assim, senão exprimir a opinião d'aquelle pedreiro que além deita barro áquella parede, aparentemente a assobiar o *maxixe*, mas no fundo a ruminar o futuro.

V. ex.^a pretende, segundo temos podido depreender das suas palavras, organizar um governo popular.

Ora, v. ex.^a acredita que haja governos populares? A impopularidade é propria da funcção do governo e aqui está Anatole France que admiravelmente a define: governar é descontentar.

V. ex.^a imagina porventura que a nação será mais feliz pelo facto de ser v. ex.^a e não o sr. Hintze, ou o sr. José Luciano quem cobre os impostos? Não! A funcção do Estado, seja quem fôr que a exerça, é cada vez mais antipathica e cada vez os povos a acceitam com menos resignação. O Estado é um systema de extorsões, e os povos cada vez comprehendem menos os pretextos de que eile se serve para as fazer. A idéa de patria é por exemplo um d'elles, e não vê v. ex.^a como o sentimento do patriotismo em toda a parte decae?—E' que os homens estão reconhecendo que a idéa de patria lhes va saindo muito cara. Veja a Russia. Porque preço lhe está já esta custosa abstracção!

A impopularidade dos governos—este é o facto—não resulta dos individuos que o exercem, mas da sua mesma significação. O governo é impopular porque é o governo, e ponha v. ex.^a no ministerio da fazenda não diremos o sr. Mello e Sousa, mas o mesmo S. Francisco d'Assis e o governo será de toda a forma impopular.

Mas nós comprehendemos. Sua ex.^a quer um governo com autoridade moral. Quer dizer, s. ex.^a quer um governo—com as mãos limpas.

Ainda n'este ponto, nos permittimos divergir de sua ex.^a.

A moralidade da acção governativa não deve fundar-se na probidade dos homens, mas—permitta-nos sua ex.^a que o digamos—na segurança dos cofres. Tal, não a nossa opinião obscura, mas a opinião illustre de Stuart Mill, de quem sua ex.^a conhece por certo os seguros juizos a este respeito.

Stuart Mill sustenta com effeito que o homem é intrinsicamente ladrão e que o Estado só pôde estar á sua mercê desde que se organise por fórma que elle não possa roubar.

E não será assim?

A probidade é uma excellente coisa, mas uma boa chave é muito melhor.

A base da organização do Estado não é portanto a confiança, mas a segurança. A confiança é um sentimento domestico; só a segurança dá garantias publicas.

O sr. João Franco quer autoridade moral.—Nós pediríamos antes responsabilidade.

Homens de bem temos tido muitos. Governos maus, todos tem sido, o que parece demonstrar que a probidade dos homens não é uma condição essencial dos bons governos.

Depois, nunca se pergunta ao homem que va governar se elle é um homem de bem. Essa pergunta é indiscreta. O que se lhe pergunta, isso sim, é se elle tem capacidade para exercer o governo.—Linda o que nos pôde consblar da idéa de ser governados, é a idéa de que o estamos sendo com algum espirito.

JOÃO RIMANSO.

O nosso homem

Portugal 'stava a dar, o ultimo arranco, Victima triste de fataes batotas; Faltava-lhe empenhar as cuécas rotas, Por toda a parte achava um atravanco!

Vae n'isto surge do alcapão o Franco Tal como nas comedias já remotas; E offerece do sangue ultimas gotas Pura o salvar á beira do barranco!

O povo acreditou-o. Andou sisudo: Em todos se accendeu da espraúca o facho Sem leve sombra de murrão taludo!

Não quer Franco eleições de cambalacho; Elle, só com os seus, vencerá tudo, E todos quantos quereem o pennacho!

Bemdito seja Deus!

Ilustre meu Zé povinho,
Antevê finas delicias;
Entramos em bom caminho:
Temos fartura de vinho!
Segundo diz o *Noticias*.

Mas, embora te não quadre,
Sabe, meu bom Zé pacato,
Que já me disse um compadre
Que nem à mão de Deus Pa...
O beberás mais barato!

Agora o que já te digo
Para te adoçar a magoa,
E' que, talvez, meu amigo,
O bebas sem o perigo
De lhe encontrar tanta água!

Quantas vezes se arrepella
O mais honrado chumbante,
Se vae em cata da piella,
E mette pela guella
Um verdadeiro laxante!!!

Temos eleições em Loiza;
E, pelos calculos meus
E os do meu compadre Soisa,
Isto não é outra coisa
Senão ajuda de Deus!

Sabe toda a populaça,
Que vota lá como pôde...
Que uma eleição sem vinhaça,
Boa que seja, não passa
De verdadeiro pagode!

Apenas o virmos
Fervendo na pipa,
Regale-se a tripa
Do Zé padecente!...
Que venha o João Franco,
Que venha o Pencudo...
P'ra nós isso tudo
E' coisa indifferente!

**A Renda**

Philosophia da renda da casa.
De um jornal da manhã:

«No orçamento domestico, a renda das casas representa uma das verbas principaes e com que urge, invariavelmente, contar.

E para lhe acudir quantos ha que vão separando quotidianamente um pouco do que entra para os gastos certos da casa?»

Não é um raciocinio: é uma pescadinha de rabo na bocca.

Se se tira aos gastos da casa, paga-se a renda, mas se se paga a renda, não se fazem os gastos da casa.

No entanto, a renda é — amanhã e os gastos da casa são — hoje.

Esquece-se o dia d'amanhã! objecta o jornal a que nos estamos referindo.

Não se esquece: adia-se. Para alguma coisa havia de ser — o dia de amanhã.

(ANNUNCIOS INCOBRAVEIS)**Fogos de artificio**

Aos eleitores e revendedores

Para as festas eleitoraes, de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, dos principaes fabricantes nacionaes, este anno ha grandes novidades em fogos de artificio. **Programmias** de côres e de estrellas. **Estalos progressistas**, marca Beirão. **Balões regeneradores**, d'ensaio, tudo o que ha de mais bem feito e de mais lindas côres. **Balões regeneradores** em papel... do Prado, com as competentes mechas, e em figuras de animaes, mulheres e homens... publicos.

Ninguém deve votar sem primeiro vêr o catalogo d'esta casa, que se remette gratis nos eleitores que o requisitarem.

Drogaria do ministerio do reino.
Terreiro do Paço — Lisboa.

Casa especialista d'estes artigos desde a implantação do systema liberal.

**Manteiga de Nanduffe**

Antigamente, a manteiga vinha embrulhada em papel de embrulho. Agora, chega-nos a casa embrulhada em pergaminhos.

Os jornaes publicam a seguinte declaração:

«Garanto aos srs. consumidores que a manteiga produzida na minha fabrica, é feita de puras natas de leite e satisfazendo a todos os requisitos da lei sobre lactiniosos.

(a) Visconde de Nanduffe.

Valha-nos isso. — E' uma garantia. Jeronymo, Martins & Filho não authenticava sufficientemente as puras natas.

Agora sim. Agora podemos estar descansados. De futuro, á nossa mesa nobilitada, poderemos dizer com orgulho:

— Prove-me d'esta manteiga, descende em linha recta de Godofredo de Bulhões e dos crusados. Puras natas!

**Velha candidatura**

— Por que circulo se propõe este anno o Fuschini?

— Sempre pelo mesmo.

— Qual?

— Pelo circulo... vicioso.

O Japão

Continuando a elucidar-nos sobre o Japão e os seus progressos, escreve o *Diario de Noticias*:

«Por lei, não são permittidos mais de noventa feriados em todo o imperio.»

Nós nunca contamos os nossos, mas devem andar por trezentos e sessenta e cinco. Os nossos annos mais trabalhosos são os bissexto.

* *

Nas communas do Japão, o ensino é gratuito.

Nas nossas tambem — para os professores.

* *

Mais:

«Num paiz em que a educação e instrução publicas se achavam atrazadissimas, o que primeiro se impoz foi a organização do ensino primario.

Os methodos e classificação das aulas primarias, taes quaes geralmente se usam na Europa, não serviram para o Japão.

Queria-se cousa mais completa e accessivel a todo o paiz. Certamente que não se pretendia crear cincoenta milhões de bachareis!»

Isto dos bachareis é piada. Sabe-se que em Portugal, tudo quanto não é analfabeto, é bacharel.

**Congresso marítimo**

Além dos exemplares curiosos assignalados pelos jornaes, figura na Exposição Oceanographica da Sociedade de Geographia, um exemplar... do *Drama no fundo do mar*.

* *

Na secção da pesca, a inspecção geral dos impostos expõe algumas rédes... de arrastar.

* *

Como se sabe, o principe de Monaco é um dos mais apaixonados cultores da oceanographia.

Para esta exposição, sua alteza mandou um dos seus mais curiosos trabalhos sobre oceanographia.

Intitula-se — *Memoria sobre o systema das armações em... Monte Carlo*.

ANTES DA CORRIDA

O APARTADO



Os maioraes e a manada

— O' Compadre? Veja lá quaes são os seus, que eu já não os conheço!...

Paciencia, paciencia!

Um telegramma de S. Peterburgo diz:

«Os jornaes russos recordam aos seus leitores as ultimas palavras de Kuropatkine, ao partir para a campanha: «Paciencia, paciencia e mais paciencia».

Assim como o almirante Mackaroff, este Kuropatkine deve ter algum parente em Portugal e ser mesmo—quem sabe?—de origem portugueza.

Paciencia, paciencia e mais paciencia! não é russo: é portuguez de lei. E' assim que temos levado para baixo e que os russos provavelmente hão de levar.

A paciencia é a philosophia da derrota.

**Nova sociedade**

Informam os jornaes que se fundou na Allemanha uma sociedade intitulada «Anti-charlatanesca» e cujos fins são combater os charlatães de toda a especie.

Não devia ser uma sociedade: devia ser uma liga.

Não devia ser uma liga: devia ser a Cruz Vermelha.

**Saturno**

O sr. Sabino Coelho apresentou na ultima sessão da camara municipal uma proposta que começava assim:

«Considerando que todos os pintores são saturninos, latentes ou patentes... etc.»

Saturnino não conhecemos nenhum.

Mais adiante:

«... considerando que o saturnismo é uma causa de degenerescencia social...»

Saturno—causa de degenerescencia social?

Venus é mais.

Mas enfim, visto que o affirma a camara municipal, curvemos-nos.

Devemos no entanto objectar que a estatística da natalidade não está d'accordo com as asseverações do sr. Sabino Coelho.

E' possível que Saturno esteja fazendo estragos na nossa sociedade; mas o facto é que tropeça-se em creanças.

A guerra e o Bonus Universal

A guerra tem suas vantagens. Uma carta de Tokio certifica que, para testemunhar o interesse que consagra ás tropas nacionaes, a imperatriz do Japão fez declarar por meio de uma ordem do dia que os ministros da guerra e da marinha dirigiram ao exercito e á marinha, que presentearia com membros artificiaes todos os soldados e marinheiros que durante a campanha perdessem um braço, ou uma perna.

Quer dizer: quem apresentar um braço, ou uma perna a menos tem direito a um brinde.

Não é uma imperatriz: é o Bonus Universal.

**Um conselho de graça**

Quem tem um filho estimado,
E quer dar-lhe posição,
Nunca o faça deputado,
Nunca ministro d'estado,
E menos duque ou barão.

Não o ensine a financeiro,
Não o ensine a tocar harpa,
A prodigios de pandeiro;
Mas ensine-o a toureiro,
Na mão mettemo-lhe a farpa.

O Camões grande foi elle,
O Garrett um grande foi;
Seus nomes a fama impelle...
Mas não a tem como aquelle
Que fura o coiro d'um boi!

Teve alta fama o Pombal
Quando enxotou jesuitas
Do luzitano faval...
Mas hoje em ti, Portugal,
Tem maior fama os Guerritas!

Portugal! herdaste o geito
Dos toureiros, importunos
Para o progresso perfeito...
Do paiz que nos tem feito
Exportação de gatunos!

Se se hespanholar a raça,
Que tão portugueza foi,
Espero de vêr na praça
Dar palmas a população
A' vil matança do boi!

Mostrarei que não sou manco,
Correrei como um possosso
A votar no João Franco...
Se elle tira este barranco
Do caminho do Progresso!

Votarei no narigudo
Com as palpebras cerradas,
Se elle, primeiro que tudo,
Prometter dar um cascudo
Na exhibição das touradas!

**CONGRESSO MARITIMO**

O PRESIDENTE

Eleições

É curiosissimo ler as noticias que os jornaes vão publicando a respeito das proximas eleições.

Imagina-se que as eleições vão dar o imprevisito.—Sabe-se lá o que sairá da urna? O que pensará o paiz? O governo é tão impopular!

Qual!
As eleições não são o imprevisito — são favas contadas.

As urnas ainda estão fechadas e já se sabe o que tem dentro.

Com effeito, os jornaes já não fazem cerimoniaes: annunciam, não candidaturas, mas melhor e muito mais decisivo:—deputados.

De Braga, por exemplo, dizem:

«Por este districto fica o governo com cinco deputados; os progressistas ficam com dois, os nacionalistas com um. Das candidaturas governamentais são positivas as dos srs. conde de Paçõ Vieira, visconde da Torre, etc.»

Positivas! nem mais, nem menos.

«Segundo consta, diz outro jornal, está fechado o accordo eleitoral referente ao circulo de Ponta Delgada. D'esta vez, os progressistas trazem dois deputados, um pela minoria e outro pela maioria. Passa para a maioria da lista o sr. conselheiro Poças Falcão e vai pela minoria o sr. Medeiros.»

Tudo isto está feito, como se vê, e apesar de ser do suffragio que se trata e das suas enganosas apparencias, nem mesmo as apparencias se salvam.

Não se sabe da urna deputado: entra-se deputado.

Ser deputado em Portugal não, é uma eventualidade: é uma certeza.



Ouvresaria e Kelojoaria
com officina annexa
de fabrico:
de Joias
de Bilharças
PREÇOS
Limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

FLORINDO



Taboletas
Em todos os generos
Francisco Santos
R. Gremio Luso
Luz 21, 23

Goarmon & C.^o

Mosaicos Hydraulicos e Ceramicos.
Azulejos em Faiança e Cartão.
Tijollos em Cimento.
Telha e Escama vidrada.
Quadros e ornatos para Chalets.
21—T. do Corpo Santo—Lisboa
Catalogos sob requisição

Stores de junco

Fazem-se com lindos desenhos em todas as larguras e por preços sem competencia, e esteira para salas e quart s, tudo com a maxima perfeição. Encarrega-se de encomendas para a provincia e estrangeiro. Rua do Alecrim, 107.



FATOS em Paletot de 48.500 a 235.000
FATOS em Frak de 12.500 a 32.500
FATOS em Sobrecasaca de 10.500 a 35.000
FATOS em Casaca de 20.000 a 30.000
na Casa das thesouras
51—Rua da Escola Polytechnica—55
JOSE CLEMENTE

EXPOSIÇÃO DE CANDIEIROS

O grande armazem de candieiros de José de Oliveira & Barros
NO
21, 22, Largo de S. Domingos, 23, 24
Inaugurou já as novas dependencias com uma magnifica exposição de artigos da sua especialidade, *tais como:*

- Candieiros e lustres para gaz, petroleo, azeite, vellas e acetylene.
- Magníficos vasos e columnas de majelica.
- Tinas, lavatorios, esquentadores a gaz para aquecimento d'agua.
- Tubos de borracha e de lona.
- Tuipias, globos, abat-jours.
- Louca de ferro esmaltado.
- Objectos proprios para brindes.
- Pertencentes para o acetylene.
- Apparehos de reitretes, bidets, etc.

21, 22, L. de S. Domingos, 23, 24
(Todo o predio)
Lisboa

JOIAS

ANTIGAS ou modernas, ouro, prata, cantellas do Monte-Pio Geral, compra-se rua do Ouro, 250.

Objectos de ouro e prata com a marca da lei

GRANDE ab-timento em todos os objectos Relogios reguladores com despertadores desde 690 réis até 12.000. Ditos de algibeira em prata e aço desde 2400 até 9500. Ditos de ouro para senhora desde 4200 até 30500 réis. Correntes e cadeias de pelo pezo e sem feito. Brincos de ouro desde 580 até 6300 Anéis desde 550 réis até 9000, etc., e muitos mais objectos com preço marcado. Só nesta casa se vende barato.

153, Rua da Palma, 155
(Junto á igreja do Soccorro)

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

VERÃO DE 1904

Serviço de banhos e aguas thermais. Viagens de ida e volta por preços reduzidos. Bilhetes validos por 2 mezes com facultade de ampliação de prazo.

Thermas: Cucus, Caldas da Rainha e Unhaes da Serra (Torresand e Covilhã).
Praias: do Furdado, Espinho, Grama, Porto, Foz do Douro, Matosinhos Leça da Palmeira, Nazareth, S. Martinho e Figueira da Foz.

Desde 1 de junho e até 15 de Outubro de 1904, esta Companhia terá a venda bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, validos por dois mezes, das suas principaes estações para as que servem as localidades acima designadas.
Aos possederes d'estes bilhetes e concedida a facultade de extensão em transi o, ampliação de prazo, etc.
Para mais esclarecimentos ver os cartazes applicados nos sitios do costume.
L. abos, 17 de maio de 1904.
O D. G. da Companhia *Chamy.*

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde

PRACA DOS RESTAURADORES, 16



ORTHOPÉDIA
CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopédicos
DE MANOEL MARTINS
FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.
154, Rua da Magdalena, 154-A
(Antiga CALÇADA DO CALDAS, PROXIMO AO LARGO DE SANTA JUSTA)
LISBOA



SAO MOZART
MONTE JONSEA
PIANOS
ORGÃOS
Instrumentos musicos
RUA IVENS 52-54
LISBOA

Alfredo José de Oliveira

Móveis, estofos e outros artigos da sua especialidade, tudo por preços modicos, tapete de Bruxellas de 1.^a qualidade por preços muito baratos. Rua do Loreto, 15 e 17.

BAZAR DE CARIDADE



Tudo a vender...

**NO ELEVADOR DE SANTA JUSTA
A' beira do abysmo**



**O suicida--Ora Deus queira que eu não vá por
ahi esborrachar alguém...**